

VIDA E MORTE NA CULTURA GUARANI/KAIOWÁ

*SONIA GRUBITS GONÇALVES DE OLIVEIRA **

*ANTÔNIO BRAND **

*LILIANA A. M. GUIMARÃES ***

RESUMO

O estado de Mato Grosso do Sul possui a segunda maior nação indígena do Brasil, com 45259 índios, de acordo com o último censo divulgado pela Fundação Nacional do Índio (1995), sendo que cerca de 25000 pertencem à nação Guarani/Kaiowá. Pesquisadores antropólogos e órgãos oficiais informam que ocorreram 228 suicídios nessa nação, nos últimos anos, com um aumento a partir da década de 80, sendo que em 1995 chegou-se a um número elevado de 54 pessoas. As tentativas não consumadas de suicídio não foram porém registradas. A maioria dos suicidas são homens, 54.2%, sendo que em cada quatro suicidas, três têm menos de 25 anos. O método mais freqüente é o enforcamento. No presente trabalho apresentamos conclusões de estudos referentes às causas do problema, destacando-se a concepção de feitiço, com implicações nos conceitos de instinto de vida e de morte, inconsciente coletivo e sugestão. Também o proces-

* Professores da UCDB.

** Professora da UNICAMP.

so de confinamento compulsório ao qual o grupo foi submetido até 1980, com superpopulação das aldeias, imposição de crenças, valores e lideranças estranhos à sua cultura são citados como fatores causais. Sugerimos, além da revisão urgente da política governamental em relação às terras indígenas, uma retomada da identidade étnica como forma de afirmação e reorganização do grupo Guarani/Kaiowá.

I - INTRODUÇÃO

Entre os problemas vividos por diferentes grupos indígenas brasileiros, os suicídios, tentativas e recidivas têm despertado o interesse de pesquisadores e estudiosos de diferentes áreas, meios de comunicação e instituições ligadas a direitos humanos. Publicações referentes às questões indígenas e sua história, contato direto nas aldeias em Mato Grosso e Mato grosso do Sul, Brasil, onde tivemos oportunidade de observar e acompanhar diversos problemas enfrentados por esses grupos nos contatos com a sociedade nacional, o que coloca, inclusive, alguns deles entre os grupos em risco de breve extinção, nos suscitam reflexões sobre os motivos que levam os membros das populações indígenas, direta ou indiretamente à auto destruição.

O estado de Mato Grosso do Sul, onde desenvolvemos nossos trabalhos, é o segundo do Brasil em número nos censos de populações indígenas divulgados pela FUNAI (1995), com um total de 45259 índios, sendo que cerca de 25000 são da nação Kaiowá/Guarani, o que nos mostra a necessidade de intervenções e pesquisas dirigidas para esta área nas nossas universidades.

De acordo com estudos e dados colhidos por Brand (1996), junto à FUNAI, ocorreram 228 suicídios de índios do grupo Kaiowá/Guarani, em Mato Grosso do Sul, nos últimos anos, com um aumento significativo a partir da década de 1990, sendo que em 1995 chegou-se

a um número elevado de 54 pessoas. As tentativas não consumadas de suicídio não foram porém registradas. Assinala ainda o autor, que a maioria seria da homens, 54,2%, apesar do percentual de mulheres estar próximo, 45,7% e que em cada quatro suicídios, três tem menos de 25 anos. O método mais freqüente é o de enforcamento, 83,3% dos que se suicidam são do grupo Kaiowá.

Na literatura referente ao assunto percebemos que, de um modo geral, antropólogos, sociólogos e missionários indicam fatores sociais, culturais, econômicos e políticos para explicar a extinção ou graves problemas que diferentes grupos indígenas enfrentam. Ultimamente ecologistas também demonstram tal preocupação, devido a poluição de rios, desmatamento, confinamento em reservas de grupos indígenas que, no passado, mudavam suas aldeias de acordo com a diminuição dos recursos de caça, pesca, colheita e mesmo pequena agricultura. Sabemos também que, aliada aos fatores ambientais, a incorporação dos índios nos circuitos de contágio de moléstias de que são portadores os agentes da civilização tem como efeito a despopulação e o debilitamento dos sobreviventes.

Por outro lado, também os novos instrumentos e técnicas da produção, impondo a dependência da tribo aos agentes desses bens, geram uma série de efeitos dissociativos sobre a vida tribal, com o engajamento dos índios em um sistema produtivo de caráter capitalista mercantil, possibilitando a apropriação privada de suas terras e a conscrição dos indivíduos na força e trabalho regional, anulando a autonomia cultural e provocando profundo desequilíbrio na vida social dos indivíduos.

A necessidade de redefinir as crenças, os valores, assim como as próprias consciências individuais de acordo com a alteração de suas condições de existência, aparece como outro fator de agravamento dos referidos problemas. Assim, a cultura indígena sofreu e ainda sofre impacto violento, desorganizando-se por força do engajamento compulsório dos sobreviventes num estilo de vida estranho às suas tradições.

A transfiguração étnica por que passam, reflete-se no interior do grupo, gerando o enfraquecimento das lideranças tradicionais, contestadas pelos mais jovens e mais identificados com os padrões não indígenas.

De um modo geral, podemos resumir assim os fatores importantes que contribuem para a extinção do índio: a proximidade com a sociedade capitalista e a delimitação territorial das reservas implicaram no abandono da vida nômade e, conseqüentemente, a poluição do meio ambiente onde estão localizados, provocando doenças que os levam à morte.

Em segundo lugar, a imposição de novas religiões fazem-nos perder seus referenciais, desorganizando-os social e culturalmente até levá-los a conflitos e desajustes -em ambas as sociedades- que os empurram à adoção de vícios, como o do alcoolismo e prostituição.

Finalmente, a imposição da própria civilização, com veiculação de costumes alheios aos seus, quer na maneira de se vestir e de se comportar, quer na própria concepção de trabalho, com o objetivo de “educá- los”, levam-nos à total desagregação.

II - OS SUICÍDIOS

Em relação aos suicídios propriamente ditos, nas diferentes obras consultadas, encontramos uma série de causas ligadas às questões culturais, socioeconômicas ou mesmo psicológicas.

Além disso, o suicídio pode suscitar uma série de indagações como direito de viver e morrer, autonomia e responsabilidade individual nas decisões sobre saúde, a doença e a morte, sociedades que aceitam ou não o suicídio, a patologia mental dos suicidas, o desespero, etc.

Para Kalina e Kavadlof (1983) raramente o suicídio é voluntário e geralmente é uma forma de conduta psicótica, além da existência de culturas suicidas que estimulam e condicionam com-

portamentos autodestrutivos. De acordo com esses autores Carvalho (1996: 80) argumenta que a pessoa estaria fora de si no momento do suicídio, mas sua história suicida teria começado no início da vida, em modelos de comportamento que a família e a sociedade produzem.

Tendo em vista os aspectos socioculturais desenvolvidos neste estudo, consideramos relevante a afirmação de Durkheim (1973) de que o ambiente é a causa fundamental para a ocorrência de suicídios, enfatizando o grau de integração do indivíduo ao grupo. A esse respeito Cassorla (1981:17) afirma

“O suicídio, embora seja aparentemente um ato altamente pessoal, é explicável apenas pelo estado da sociedade à qual o indivíduo pertence. Cada sociedade tem uma inclinação coletiva ao suicídio, expressa na taxa de suicídio, que tende a permanecer constante enquanto as características da mesma não se alteram”.

O autor ainda informa que atualmente existe uma tendência a relacionar a situação suicida, conduta suicida a múltiplos fatores determinantes, sociais e individuais, numa influência recíproca.

No trabalho de Freud (1917; 1967), *Luto e Melancolia*, o suicídio é explicado pelo mecanismo de identificação com o objeto perdido, assim, a maior predisposição ao suicídio ocorre quando há uma história de morte na família. Já em 1920, em *Além do Princípio do Prazer*, ainda em relação ao instinto de morte, acima citado, Freud (1920; 1967) afirma que forças externas destrutivas como fome, doenças, inimigos seriam combatidas pelo ego através de mecanismos que operariam do lado do instinto de vida. Mas a nível mais profundo atuariam ao lado do instinto de morte, paradoxo que poderia ser explicado pelo fato desse instinto querer impor seu próprio padrão de morte e assim qualquer causa externa destrutiva seria combatida para que o indivíduo se submetesse a seu próprio instinto de morte.

Segundo Dias (1991) a maioria dos autores atribuem o suicídio a causas orgânicas, emocionais ou filosóficas. As doenças

endógenas, que colaboram para o agravamento de determinados quadros psicóticos e podem induzir a pessoa ao suicídio representariam as causas orgânicas. Autores de orientação analítica falam de quadros psicóticos de melancolia, luto e depressão quando analisam a conduta suicida e seus aspectos emocionais. Cassorla (1981) afirma que sempre existem conflitos subjacentes que, descobertos, poderiam fazer com que o suicida encontrasse outras saídas.

Dias (1991) indica que as causas filosóficas podem envolver razões éticas e nobres, como no caso dos samurais que praticam o seppuku (suicídio) para defender a honra após uma derrota e que este ato era legal e obrigatório até 1868. Atualmente os valores da cultura continuam basicamente os mesmos e o perdedor desonrado não é socialmente aceito. Assim jovens japoneses se matam pela desonra de uma reprovação escolar. Outros exemplos de suicídios culturais seriam, ainda segundo o autor, as mulheres na Índia e esposas dos antigos reis da Escandinávia, enterradas junto com os maridos ou o suicídio das mães em Uganda quando seus filhos morriam.

Conclusões sobre estatísticas de suicídios no Brasil apresentadas por Miller de Paiva (in Cassorla, 1991) indicam que os homens consumam o suicídio em maior número, enquanto as mulheres fazem mais tentativas. Os homens matam-se mais por enforcamento e arma de fogo e as mulheres por envenenamento.

Nas conclusões de suas pesquisas Cassorla (1981) afirma que o ambiente em que a criança nasce ou em que está vivendo, sendo carregado de perdas e mortes, condutas autodestrutivas, suicídios e tentativas, é relevante, pois essas condutas, em vários casos, acabam se fixando no indivíduo através de imitação, sugestão ou identificação, além da hipótese da causa envolver os lutos infantis não resolvidos, principalmente em relação a figuras importantes. Sugere por isso, nos seus estudos, a intervenção preventiva na família.

Sem dúvida alguma, podemos afirmar que as conclusões de Freud (1967), Cassorla (1981; 1991) e Durkheim (1973) e demais

autores são pertinentes com a situação dos Guarani/Kaiowá, tendo em vista as vivências, desde os primeiros anos de vida, com situação ou relatos de suicídios e o próprio contexto social e cultural.

No que se refere aos indígenas, o feitiço é encontrado em todos os grupos brasileiros e estudado de diferentes formas. Informantes, nos estudos de campo de Brand (1996), afirmam que os suicídios são provocados por força de práticas de feitiço. Nos referidos relatos é possível perceber o confronto bem e mal, sendo que podemos a partir daí correlacioná-los com as questões de instinto de vida e instinto de morte¹ citadas constantemente nas obras de Freud (1967). Assim também conteúdos, que surgindo frequentemente nos mesmos grupos étnicos, podem ser entendidos como o material vindo do inconsciente coletivo² estudado inicialmente por Jung (Apud Whitmont:1995). Outro fenômeno que também podemos considerar nesses estudos, é o da sugestão³ que aparece nos estudos de diferentes correntes da Psicologia.

O aumento de relatos e situações envolvendo o feitiço, levando-se em consideração os componentes de auto-destruição, aponta para a desintegração cultural do grupo e desorganização interna, sendo que também atribuem o suicídio ao fato de que muitos jovens não passam mais pelo rito de iniciação, de acordo com Brand (1996).

Não somente os próprios indígenas, como também pesquisadores, consideram desajustes ou mesmo doença como causas para o suicídio entre os Guarani/Kaiowá. Muitos relatos falam de tristeza,

¹ De acordo com Laplanche e Pontalis (1983) o instinto de morte que se contrapõe ao instinto de vida tende à autodestruição e seria secundariamente dirigido para o exterior, manifestando-se, então, sob a forma da pulsão agressiva ou destrutiva. Além disso, tende a redução das tensões e recondução do ser vivo ao estado anorgânico. O instinto de vida por sua vez abrange as pulsões sexuais e de auto-conservação.

² Dimensão da psique inconsciente de caráter humano geral, a priori, em vez de simples precipitado do material pessoal reprimido Whitmont (1995).

³ Sugestão, segundo Piéron (1987), ocorre quando um indivíduo tem uma idéia, adota uma crença, evidencia uma tendência, sem perceber que essa idéia, crença ou tendência, na realidade, se originou de uma ação exterior direta, ou de vontade alheia.

nervoso, de não conseguir expressar o que tem ou o que sente. Os informantes, segundo ainda Brand (1996), relatam falta de consciência, o que contudo o autor questiona, confusão mental, precedendo o ato de se suicidar.

Estudo recente de Rudolf Wicker Hans, da Universidade de Berna, na Suíça, intitulado “*Taraju-enfermidade dos deuses que leva ao suicídio, notas provisórias para a compreensão dos suicídios entre os Pai-Tavyterã (Guarani) do Nordeste do Paraguai*”, referente a um grupo que tem a mesma raiz étnica dos Kaiowá de Mato Grosso do Sul, revendo as informações disponíveis, indica três conclusões: 1) a taxa de suicídio dos Kaiowá no período de 1986 a 1992, embora não seja possível determiná-la com precisão, é extraordinariamente elevada; 2) os suicídios ocorrem principalmente na faixa etária formada por jovens e adultos jovens; 3) os suicídios entre os Kaiowá não registram simplesmente um aumento linear, mas sim uma marcada forma de onda.

Tanto os Kaiowá quanto os Pai normalmente estrangulam-se, pendurando-se com uma corda grossa, cinto ou cipó, atados a algum ramo de árvore baixo, ou uma viga, parados e algumas vezes sentados. Excepcionalmente optam também por outros meios como inseticidas, combustível e armas de fogo.

Hans (s/d) informa que as causas estariam, em princípio, ligadas aos fatores culturais, sociais, econômicos e políticos citados acima, porém buscando uma compreensão das pautas cognitivas nas quais se baseiam e trazem um sentido cultural e social, indica o conceito de taraju como aspecto central do problema e que tem sido objeto de várias interpretações e complexos estudos e que geralmente tem conotação de força oculta, destrutiva, assim como dano espiritual, dificilmente tangível.

Afirmou ainda que, nos estudos de caso realizados em suas pesquisas, aparece um estado mental no qual a pessoa afetada perde todo controle sobre si mesma, pois nenhuma das pessoas entrevistadas recorda do momento em que saiu correndo e de enforcar-se. Os períodos de enfermidade duram desde duas semanas até um mês,

mas logo diminuem. A cura foi atribuída, por todos os entrevistados, aos efeitos da terapia com danças e cantos, feita com eles por seus familiares, sob a orientação de líderes religiosos. Relatam ainda que viveram o taruju com fases de variada intensidade da doença, com dias claros e até normais, seguidos por fases obscuras.

Outra informação, muito relevante como valor diagnóstico, foi o depoimento dos curados de taruju de que no tempo da enfermidade ficaram expostos a vozes e ruídos contra os quais não sabiam se defender e que os perseguiram de maneira constante. A vontade de matar-se, segundo todos sem exceção, surgia dessas vozes e desses ruídos.

O autor, nas suas conclusões, denomina o fato de uma vivência psicótica e sugere que um especialista poderia verificar se a paranóia responderia a uma estrutura endógena ou reativa, lembrando ainda que seria mais provável que fosse reativa, resultado de tensões psíquicas extremas, que por sua vez nos remetem à existência de conflitos não elaborados e não superados pelas pessoas afetadas no seu meio ambiente social.

De uma maneira geral porém, os estudos referentes ao suicídio não esclarecem as relações entre os suicídios e as tentativas, além de levantar hipóteses de que existem diferenças de comportamento entre essas duas populações. Cassorla (1981) informa que os que tentam e não morrem, são mais jovens do que os que conseguem. Considera também que é muito difícil a evidenciação dos suicídios inconscientes, apesar de não questionar sua vantagem clínica. A maioria das definições de suicídio envolvem ato voluntário, consciente e que leva à morte.

Um processo denominado confinamento compulsório por Brand (1996), historicamente criou, segundo o pesquisador, um contexto de violência que vigorou até 1980, resultando na superpopulação das reservas, além de superposição de aldeias distintas, que embora do mesmo grupo, tinham terras e chefias político-religiosas próprias, fator considerado de relevância para o estudo da problemática Guarani/Kaiowá.

Como fator de agravamento da questão, Brand (1996) cita o contato dos Terenas a partir de 1940, com o objetivo de ensinar agricultura aos Guarani, contatos esses incentivados pelo Serviço de Proteção aos Índios, não levando em consideração que os Guarani são povos tradicionalmente agrícolas. Cabe ressaltar como importante fato, as diferenças culturais que separam os dois grupos.

Outros fatores devem também ser analisados, como o despreparo dos funcionários do governo para lidar com os indígenas, o uso do índio como mão-de-obra disponível e barata. Os funcionários federais desenvolveram estratégias de apoio nos elementos indígenas mais desestruturados e menos integrados à cultura e comunidade Guarani/Kaiowá, objetivando desarticular lideranças e quebrar sua autonomia interna. Finalmente, o arrendamento da terra introduzido pelos órgãos indigenistas oficiais.

Para Brand (1996:3),

“estas interferências durante dezenas de anos produziram uma progressiva inviabilização do próprio sistema Guarani/Kaiowá dentro da reserva de Dourados, através da imposição de nosso conceito de terra, mediante a divisão de lotes, alterações profundas na economia tradicional, enquanto o assalariamento emerge como única alternativa de subsistência e a desarticulação das relações de parentesco, de chefia e de solidariedade. Hoje encontramos uma comunidade indígena confinada e cercada pela cidade de Dourados, constantemente agredida em sua cultura pela ação de cerca de duas dezenas de igrejas pentecostais, órgãos públicos e particulares, adeptos da política de integração destes povos”.

III - CONCLUSÃO

Acreditamos que diante das considerações e pesquisas, principalmente de Hans (s/d), Cassorla (1981) e citações quanto à existência de uma doença ou mesmo epidemia, feita pela maioria dos pesquisadores, um projeto na área de Saúde Mental, para avaliação psicológica, de uma suposta psicose exótica⁴, serviria como base para fundamentação de intervenções e tratamentos.

Estudos das crenças, mitos, em especial o taruju, relatos em entrevistas, poderiam contribuir para a compreensão da grande problemática dos Guarani/Kaiowá, que tem como consequência, altos índices de suicídio.

Sugestões para estudos e encaminhamento de soluções em relação às questões da terra e espaço são apresentadas por Brand (1996): a proibição da prática do arrendamento de terras para não-índios, dentro da reserva indígena de Dourados, elaboração de um programa de redistribuição interna de terras com proibição da venda de lotes, divisão da reserva indígena de Dourados em duas partes politicamente independentes, sendo uma destinada aos Terenas e outra aos Guarani/Kaiowá, compensação do território perdido por parte dos Kaiowá com esta divisão. Além disso, recomenda o estudo e controle das atividades que agridem o modo de ser, especialmente religioso dos Guarani/Kaiowá.

VI - BIBLIOGRAFIA

BRAND, Antonio. *A violência na reserva indígena de Dourados*. Campo Grande : [s/n], 1996.

_____. Los Guaranies en tiempo de suicidio. *Accion*, Asunción, ano XXVIII, n. 168, p. 31-33, 1996.

_____. *Os suicídios segundo os Guarani/Kaiowá*. Comunicação apresentada no VI ENCONTRO REGIONAL DA ABRAPSO, São Paulo, 1996.

BROMBERG, M. H. P. F.; KOVÁCS, M. J.; CARVALHO, M. M. M. J. *Vida e Morte: laços de existência*. São Paulo : Casa do Psicólogo, 1996.

CARVALHO, Edgar Assis. *A Identidade étnico-cultural*. A Questão Nacional. In: I ENCONTRO INTERDICPLINAR SOBRE IDENTIDADE. *Anais...* São Paulo : PUC/ SP, 1983.

CASSORLA, Roosevelt Moises Skeme. *Jovens que Tentam Suicídio*. São Paulo 1981. Tese de Doutorado, Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas.

_____. *Do suicídio: estudos brasileiros*. Campinas : Papirus, 1991.

CIAMPA, Antônio da Costa; COSTA, Márcia Regina da. *Teoria e Pesquisa*. Ana Zahira Bassit et al. (orgs.). São Paulo : Brasiliense, 1984. (Série Cadernos de Identidade).

_____. Identidade. In: *Psicologia Social: o homem em movimento*. Sílvia Lane e Wanderley Codo (orgs.). São Paulo : Brasiliense, 1984.

DARRAULT-HARRIS, I. *Por une Psychiatrie de L'Ellipse*. Paris : Presses Universitaires de France, 1993

DIAS, M. L. *Suicídio. Testemunhos de Deus*. São Paulo : Brasiliense, 1991.

- FREUD, S. La Aflicción y Melancolía. In: *Obras completas*. 1913-1917. Madrid : Editorial Biblioteca Nueva, Vol. I. 1967.
- _____. Mas Alla del Pincípio del Placer. In: *Obras completas*. 1920. Madrid : Editorial Biblioteca Nueva, Vol. I. 1967.
- FUNAI. *População Indígena por Unidade da Federação*. Brasília : Serviço de Informação Indígena, 1995.
- HANS, Rudolf Wicker. *Taraju-Enfermedad de los que lleva al suicidio. Acotaciones provisionarias para la comprensión de los suicidios entre los Pai-Tavyterã (guarani) del Noreste de Paraguay*. Suíça : Universidade de Berna, s/d.
- KALINA, E. & KOVADLOFF, S. *As cerimônias de destruição*. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1983.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. *Vocabulário de Psicanálise*. 7. ed. São Paulo : Martins Fontes, 1983.
- OLIVEIRA, Sonia Grubits Gonçalves de. *Bororo: identidade em construção*. Campo Grande-MS : Departamento Gráfico do Colégio Dom Bosco, 1994.
- _____. *A Construção da Identidade Infantil. A Sociopsicomotricidade Ramain-Thiers e a Ampliação do Espaço Terapêutico*. São Paulo : Casa do Psicólogo, 1996.
- PEREIRA, Maria Aparecida da Costa. *Uma rebelião cultural silenciosa*. Brasília : FUNAI, 1995.
- PIÉRON, Henri. *Dicionário de Psicologia*. 7. ed. Rio de Janeiro : Editora Globo, 1987.
- WHITMONT, Edward. *A Busca do Símbolo*. São Paulo : Editora Cultrix, 1995.